

A palavra será faca
o sentido será gume
a imagem será chama
mas a matéria é o lume.

Lume dos nervos riscados
pelo fósforo do medo
lume dos dentes cerrados
pela goma de um segredo.

Lume das faces de cera
lume dos dedos de cal
lume golpe lume pedra
lume silêncio metal.

Lume que se acende a frio
e nos devora por dentro
lume agulha lume fio
da faca do pensamento.

Uma navalha que rasga
o ventre da solidão
vingança de quem se gasta
queimando frases em vão.

Lume lembrança das coisas
que nos arderam na voz
cinza viva que nos corta
e nos separa de nós.

Ary dos Santos (1984, pág.77)

Escuta com Preconceito – Comentário à Conferência “Breve Introducción a Una Posible Técnica Relacional” do Carlos Rodríguez Sutil.

Filipe Baptista-Bastos

É aterrador fazer um comentário a uma conferência do Doutor Carlos Rodríguez Sutil. Porque ele é enciclopédico. Trata-se de alguém com um trabalho hercúleo de anos e anos de clínica e de estudo. E a conferência que acabou de fazer é organizadora e explicativa. Obrigado por isso, porque, francamente, nos ajuda a todos. Torna um conjunto de ideias e de experiências – mesmo que não seja um missal, sobretudo não o é – num corpo mais acessível ao nosso toque e compreensão. E demonstra um crescimento da Psicanálise contemporânea, que não funciona como oposição a um modelo psicanalítico conservador ou ortodoxo, mas sim como um modelo actual e “normaliza” (é uma palavra de que não gosto, mas para expressar a minha ideia não consegui encontrar outra) a relação entre Analista e pessoa em Terapia.

Harold Searles no *“Countertransference and related subjects: Selected papers”* (1979, p.383) escreve que ao longo dos meses e dos anos os Pacientes desenvolvem afecto e preocupação genuína pelo Analista. Há uma cooperação no desejo de tratar; cuidar e acolher em qualquer psicoterapia, seja ela de que forma for e como se manifestar. A humanidade, acima de tudo o Analista como um humanista. Já não me recordo quem disse, julgo que terá sido o Coimbra de Matos, mas posso estar enganado, o Analista analisa com a sua humanidade. E é nesta relação específica onde decorre a conferência que o Carlos nos trouxe hoje e haverá ou não uma técnica para encarar esse encontro? Talvez haja sempre, mesmo que não queiramos, e a tomada de consciência de que escutamos com conceito e preconceito muda muito em psicoterapia.

O próprio modo de relação constitui-se como um diagnóstico, a transferência do Analista (o que sente; pensa; vive; sonha; o que experimenta e como comunica na relação terapêutica) cria um olhar – não é o olhar de Deus como criticou Stolorow no seu artigo em conjunto com Atwood (1997/2013) – mas um olhar

humano, daquela pessoa no momento em que se encontra. É a tal história: um Homem é sempre um Homem e a sua circunstância.

O que o Carlos faz com este texto, assim como o faz nos livros: “Psicopatologia Psicanalítica Relacional – a pessoa em relação e os seus problemas” (2014) e o “Pequeno Manual de Anti-Técnica Psicanalítica Relacional” (2020) é trazer diálogo; amenizar radicalidades; ensinar passando a palavra a texto. Diz-se que muito da história africana se perdeu porque a tradição oral sobrepôs-se à tradição escrita. Imaginem se tal sucedesse com a Psicanálise, se os milhares e milhares de páginas escritas sobre teoria e técnica, casuística e biografias desaparecesse? Se as histórias fossem apagadas? O que o Carlos Rodríguez Sutil faz é manter essa história viva para ser transmitida aos outros. E não posso esquecer o Alejandro Ávila Espada que faz o mesmo com o livro “A Tradição Interpessoal: Perspectiva Social e Cultural em Psicanálise” (2013). Estes 3 livros haveriam de ocupar um lugar destacado no ensino da Psicanálise em Portugal.

Quem conta fá-lo da sua perspectiva e quando o Carlos fala da oposição entre *Phronesis* e *téchne* é como se perguntasse: “Há uma identidade psicanalítica? Em que consiste?” A Psicanálise é um corpo em mudança, desde o berço, todos os “disse-e-não-disse” de Freud e recordo o artigo “Construções em Análise” (1937/2011); o universo pictórico de Melanie Klein (1975/1991): o seio bom; o seio mau; o pénis alimentador; o ambiente de Winnicott (1989/2010) com fragmentos escritos em viagens de comboio pela Inglaterra; a poderosa mecânica das relações mirada por Fairbairn (1952/2000) e a contenção emocional mágica sustentada por Bion (1970/2006): sem memória; sem desejo e sem compreensão, são prova disso todas estas teorias ou acrescentos à teoria base – que também não sei explicar qual é, porque cada Analista tem um conjunto de teorias em si, esta combinação, fez dele uma identidade em relação com essas ideias e as que vêm a seguir – são fruto da personalidade de cada um: a Índia mística onde Bion nasceu; a mãe fria e distante de Fairbairn; o pai frágil e a família remediada de Freud e por aí a fora. Todas estas mitologias criam séquitos e um enorme conjunto de fragilidades humanas. É assustador pensar assim? Não acho, porque se pensarmos como eram formados os antigos Analistas: parte de um ritual; com um quadro técnico e teórico que, como já escrevi uma vez, criava uma imitação de uma imitação de alguma coisa que, possivelmente, nunca existiu, a ideia de

haver abertura e dúvida e ideias diferentes é fundamental. Dou o meu exemplo: eu gosto muito de vários conceitos de Melanie Klein; acho que, tal como nos disse o Neil Altman, “leva da teoria kleiniana o que te faz falta e deixa o resto” (Baptista-Bastos, F. & Bray Pinheiro, 2022, p. 301), o sentido é esse; penso que sem neurose de transferência não há Psicanálise; acredito que a interpretação estabelece uma ponte, gera idealização na pessoa que está em terapia e mostra o interesse do Analista em conhecer o outro; gosto muito da ideia de que há duas Transferências, a do Analista e a da pessoa que está em terapia (McLaughlin, 1981), não gosto da palavra contra-transferência porque não me sinto contra as pessoas que estão comigo em terapia; acho que a neutralidade é a abstinência no limite do que se poderá considerar abster-se em terapia [e sublinho as menções que o Carlos Sutil fez da responsividade óptima de Bacal e Herzog (citado por Sutil, 2014) e sobre a relação desconfirmadora do patógeno (citado por Sutil, 2020)] e de mais alguns aspectos, como a interpretação de sonhos, eu gosto. Mas vamos lá conversar sobre o assunto? É isso que gera mudança, a possibilidade de falar e de nos libertarmos da ditadura do “não-dito”. A escritora Olga Tokarczuk disse numa entrevista a Figlerowicz (2023) para a *The Paris Review* que os livros fazem aos leitores o que a terapia faz aos pacientes, que, quando acabamos de os ler já não somos a mesma pessoa. Eu diria o mesmo em relação ao Terapeuta: ele também não é o mesmo no fim de uma terapia. Recorro à literatura porque assim como há uma ideia literária de que o Escritor está sempre a escrever o mesmo livro, também me parece que estamos sempre a trabalhar o mesmo caso clínico, o nosso. Ou como teorizou Searles (1979), os pacientes procuram cuidar e tratar do Terapeuta como procuram cuidar e tratar os pais, mudá-los. E talvez consigam, ali, pelo menos, talvez consigam.

Assim como há uma condição de subjectividade em qualquer relação humana e a neutralidade não existe, também não podemos escapar à ideia de que essa subjectividade contém noções, ideias, juízos e daí pensamos que escutamos e escutaremos com o nosso complexo padrão de relações. E essa consciência, para já, parece-me suficiente porque nos desperta. Trata-se de uma grande mudança, independentemente de se substituir diagnósticos limites ou neuróticos por esta dualidade: conflito ou carência proposta por Bjørn Killingmo (citado por Sutil, 2014) que pode ajudar no ensino e no entendimento (embora fique na dúvida sobre como se tratará o assunto do diagnóstico da Psicose?, da fragmentação).

E confesso preferir a ideia do Christopher Bollas de que a Personalidade é como uma Assembleia da República e que, consoante o que vai sucedendo nas relações estabelecidas com o ambiente, vão aumentando e diminuindo bancadas parlamentares. Dando um exemplo simplista: se temos um acidente violento de automóvel, uma bancada parlamentar radical: frágil e assustada, com desconfiança, vai ganhar deputados e depende do equilíbrio e harmonia do nosso parlamento a saúde emocional com que ficaremos. Aliás o Carlos escreve no Manual de Anti-Técnica que a Psicanálise Relacional não tem uma Bíblia, não há um texto fundamental e menciona o Lewis Aron por ter escrito sobre o assunto, por haver vários livros com diferentes ideias sobre a mesma interrogação (2020, p.33). Porém há um aspecto que nos liga a todos: defendemos que o ambiente é determinante para o desenvolvimento psicológico das pessoas. Mas desculpem que preciso voltar um pouco atrás. Isto porque, ao escrever, não sabia... não sabia onde tinha lido esta ideia do Bollas de que a Personalidade é como uma Assembleia da República, não me recordava mesmo e fui a um monte de blocos onde tomo notas e aponto quem escreveu o quê? E onde? Nada! Parecia uma peça do teatro do absurdo. Agora onde é que vou buscar isto que me faz tanto sentido, que preciso de escrever neste comentário e que sou obrigado a citar? Inteligência Artificial pensei! O abismo está aqui, porque mesmo que a máquina tenha alucinações, não tem o cheiro, os lapsos, os sonhos, não conhece o sabor da “profissão impossível” como descreveu Freud ou da profissão que falha como escreveu o Carlos no “Anti-Técnica”. No mundo em que vivemos, pós-pandemia, com guerras em diferentes continentes e com a Inteligência Artificial a surgir como uma poeira vinda do desconhecido, talvez a Revolução Relacional, como lhe chamou Kuchuck (2021) seja uma possibilidade de encontro e cooperação que dê resposta a estas inquietações e a conferência agora feita organiza o Processo Revolucionário em Curso, fazendo nós o papel de Revolucionários de Consultório.

Se bem que o consultório ganhou outra dimensão após a pandemia. O “*Setting*” mudou. Saio da água domingo de manhã. Acabei de surfar na Costa da Caparica e ainda com água salgada a escorrer dos dedos tasteio o ecrã do telemóvel. Tenho uma mensagem *WhatsApp* de uma jovem mulher que está comigo em terapia. Passou a noite a dançar e a beber e não se sente bem, precisa de se cortar. Meto-me no carro e encosto-me no banco do condutor tal como preencho o sofá do

consultório. Ligo-lhe enquanto o olhar corre a arriba quase infinita da costa e deixo a atenção flutuante correr. Falamos e emocionamo-nos e deixamo-nos ir no tempo, quase como um tempo de sessão. Não interpreto. Vagarosamente chego a Lisboa e despedimo-nos até sexta-feira.

Obrigado.

Filipe Baptista-Bastos

Lisboa, 06 de Maio de 2023

Referências

Ary dos Santos, J. C. (1984). *Vinte anos de poesia*. (2nd ed.). Lisboa: Círculo de Leitores.

Avila Espada, A. (Ed.). (2013). *La tradición interpersonal - Perspectiva social y cultural en psicoanálisis*. Madrid: Ágora Relacional Editores.

Baptista-Bastos, F. & Bray Pinheiro, C. (2022). Entrevista com Neil Altman. *Revista PsiRelacional*, 3, 297-310.

<https://revistapsirelacional.pt/wp-content/uploads/2022/11/neil-altman-pt.pdf>

Bion, W. R. (2006). *A Atenção e interpretação: O acesso científico à intuição em psicanálise e em grupos*. Imago Editora. (Obra original publicada em 1970)

Fairbairn, R. (2000). *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Lisboa: Vega (Obra original publicada em 1952).

Figlerowicz, M. (2023). Olga Tokarczuk, The Art of Fiction No. 258. *The Paris Review*, (243), 199-228.

<https://www.theparisreview.org/interviews/7968/the-art-of-fiction-no-258-olga-tokarczuk>

Freud, S. (2011). *Transferência, Construções e Fins da Psicanálise*. Lisboa: Edições universitárias Lusófonas. (Obra original publicada em 1937)

Kuchuck, S. (2021). *The relational revolution in psychoanalysis and psychotherapy*. Confer Books.

Klein, M. (1991). *Obras Completas de Melanie Klein, volume III - Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1975)

McLaughlin, J. T. (1981). Transference, psychic reality, and countertransference. *The Psychoanalytic Quarterly*, 50(4), 639-664.

Searles, H. F. (1979). *Countertransference and related subjects: Selected papers*. International Universities Press, Inc.

Stolorow, R.D. & Atwood, G.A. (2013). Deconstruyendo el mito del analista neutral: Una alternativa desde la Teoría de los Sistemas Intersubjetivos. *Clínica e Investigación Relacional*, 7 (1), 60-74. (Texto original de 1997). [Recuperado de www.ceir.org.es]

Sutil, C. R. (2020). *Pequeno manual de Anti-Técnica Psicoanalítica Relacional*. Madrid: Ágora Relacional Editores.

Sutil, C. R. (2014). *Psicopatología Psicoanalítica Relacional – La persona en relación y sus problemas*. Madrid: Ágora Relacional Editores.

Winnicott, D. (2010). *Psycho-Analytic Explorations*. London: Karnac Books. (Obra original publicada em 1989)